

O ESPAÇO DA POESIA NA SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR MEDIADOR ENTRE O TEXTO E O LEITOR

PET Letras UFAL

ENTREVISTA

José Hélder Pinheiro Alves

Professor Titular em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais, Hélder Pinheiro atua na graduação e na pós-graduação da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG. Sua vasta produção acadêmica tem contribuído sobremaneira para a formação inicial e continuada de professores de Literatura e de Língua Portuguesa da Educação Básica, principalmente ao tratar dos temas literatura infantil, ensino de literatura, recepção do texto literário, literatura de cordel e poesia.

O livro *Poesia na sala de aula*, reeditado pela Parábola em 2018, consta na bibliografia de muitas dissertações do ProfLetras e de outros programas de pós-graduação voltados para o ensino da literatura. A obra incentiva a prática da leitura do texto literário, especialmente da poesia, por meio do relato de suas experiências como leitor e de seus experimentos metodológicos de professor mediador da leitura do texto literário na educação básica e no curso de Letras.

Outra maneira de ter acesso aos estudos e pesquisas do professor Hélder Pinheiro dar-se por meio de sua participação em vários eventos acadêmicos, como Semana de Letras, Seminário de Pesquisas do ProfLetras, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, e em eventos literários, como a Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Como participante assíduo desses eventos, Hélder conquista o público ouvinte com sua leitura cativante de poemas, do cordel e assim vai disseminando a importância de formar o leitor do texto literário.

É dessa maneira que encontramos o Prof. Hélder na XII Semana de Letras proferindo conferência sobre poesia e utopia. Como de costume, gentilmente, Hélder concede entrevista a um grupo de petianos/as e conta sua inserção no mundo da poesia a partir da vivência com a tradição da cultura popular oral, sua experiência como tutor do PET Letras da UFCG e principalmente trata da abordagem metodológica do texto literário na escola.

Pergunta 1: Professor, queremos conversar sobre sua formação como leitor de poesia. Conte-nos como foi sua inserção no mundo da poesia.

É uma história longa que não começa na escola. A minha primeira experiência com a poesia vem da tradição oral. Eu nasci numa zona rural, no interior do Ceará, onde grande parte das pessoas não era alfabetizada, mas tinha uma experiência com a poesia oral. Meus avós paternos, por exemplo, não sabiam ler, mas sabiam fazer versos, sabiam contar folhetos de cordel. Havia muitos moradores da região também que sabiam inúmeros versos de cor. Então, eu tive uma infância povoada por uma tradição oral muito rica, muito encantadora. Nessa época, antes mesmo da escola, eu sabia de cor quadras, sextilhas que eu sei até hoje.

Quando entro na escola, o contato com a tradição popular se rompe, permanecendo através dos irmãos mais velhos, do rádio, das cantorias e do coco de embolada. No final da oitava série, atualmente nono ano, tive muito contato com a poesia através também de livro didático, mas em fragmentos. Mesmo assim, eu gostava muito: eu lia os textos literários dos livros didáticos logo no primeiro, segundo mês, tinha um encantamento por isso. No ensino médio, surge a historiografia, que não tirou o meu encantamento porque gostava de ficar lendo os poemas, independente da sua classificação. Também tive uma experiência muito interessante na minha juventude, dos quinze para os dezesseis anos: participava de um grupo de teatro no bairro onde morava, José Walter, uma periferia em Fortaleza. Alguns colegas tinham uma experiência de teatro, então nós encenávamos. Eu me lembro de encenar poemas do Drummond, poemas do Manuel Bandeira. A minha vida esteve sempre muito povoada pela poesia.

Quando eu me tornei professor, eu levei essa vivência para a sala de aula, muito intuitivamente. Eu não tinha propriamente um projeto, um estudo, uma perspectiva teórica que me apoiasse, mas eu comecei a fazer antologias de poemas, porque já conhecia bastante. Eu lembro que achei na casa de um amigo uma antologia de Vinicius de Moraes quando eu fazia o primeiro ano do ensino médio e li quase toda, muita coisa eu não entendia. A poesia moderna me assustou muito, mas me encantou. E uma questão interessante na minha experiência é que eu nunca separei o popular, digamos, do erudito, do acadêmico. Eu sempre gostei das duas coisas. Eu sempre tive encantamento pelas duas coisas.

Quando eu entro no curso de Letras, dou continuidade a isso, começo a estudar. Eu tive uma grande professora chamada Vânia Maria Resende, que me trouxe livros de Literatura Infantil que eu não conhecia e, a partir daí, pronto, o interesse foi crescendo. Como professor,

eu sempre levava poesia para a sala de aula. No meu livro *Poesia na sala de aula*, as experiências apresentadas foram vivenciadas no ensino fundamental. Anos depois de formado, é que começo a me apropriar um pouco de teorias, de reflexões sobre o ensino; quando me torno professor universitário, é que eu começo a me tornar, digamos, um pesquisador do assunto.

Eu nunca tive a preocupação, por exemplo, do conhecimento teórico, técnico do gênero. Até porque eu aprendi a gostar de poesia sem saber teoria: eu sabia uma sextilha de cor e só aprendi o que era uma sextilha teoricamente no ensino médio, nos livros. Eu não sabia o que era uma quadra, mas eu sabia de cor inúmeras quadras. Eu demorei muito para entender o que era um verso decassílabo, mas eu sabia de cor sonetos de Vinicius de Moraes, todos em versos decassílabos. Por isso, eu advogo sempre que o ensino não deve ser precedido de teoria. Todos nós sabemos cantar. E imagine que para saber cantar você tivesse que saber teoria musical? Por que a criança tem que aprender uma técnica? Ela tem que ter uma experiência, uma vivência. Depois, se ela se tornar uma pesquisadora, uma professora, é importante que vá conhecer melhor como aquilo tecnicamente se organiza.

Pergunta 2: O senhor atua na área de Literatura e Ensino desenvolvendo trabalhos especialmente destinados à formação de professor e um desses trabalhos que mais me chamou a atenção foi a obra *Poesia na sala de aula*. Dentre os mais variados relatos de experiência ao longo do livro, destaco o PETarte, que é uma atividade desenvolvida pelo PET Letras Campina Grande durante sua tutoria nos anos 2000, que, a meu ver, poderia contribuir bastante com a atividade que nós desenvolvemos aqui no PET Letras da Ufal, que é o Clube PET de Leitura. Os dois projetos visam à construção de um espaço de pensamento crítico a partir da vivência com produções literárias, mas o PETarte surgiu por um viés de contato mais sensível e até mesmo sensorial com a literatura. Esses espaços proporcionados pela graduação são muito interessantes para o trabalho futuro com a disciplina na sala de aula. Como as ações do PETarte refletiram na formação dos professores, petianos/as que passaram por essa experiência anterior, como formadores de alunos/as leitores/as?

Assumi o PET em um período de muita transição. Eu tinha voltado do doutorado e estava com muita vontade de retomar o grupo Bagagem, formado por estudantes da graduação em Letras que se dedicavam a leitura e encenações de poesias, depois apresentadas aos estudantes universitários ou da educação básica. Não queria fazer apenas um trabalho

acadêmico no PET. Dessa forma, a atividade PETarte reuniu os interesses acadêmico-cultural. O PETarte tinha uma fase muito interessante: escolhíamos o poema e líamos o poeta. Todos liam, depois formavam uma antologia, com sugestões de pontos e poemas que chamaram atenção. Eu lembro muito bem que nós lemos muito José Paulo Paes. Com base nessa antologia, formávamos uma espécie de apresentação para a comunidade, mas sem necessariamente ter que decorar. Levávamos todos os alunos de Letras para um auditório e colávamos versos na parede, no chão e as pessoas iam entrando na sala e encontravam versos no chão, nas cadeiras etc. Outra experiência foi reunir os alunos em um grupo para ler livros de poesia infantil. Os petianos liam, se preparavam e depois estimulavam a leitura em grupos na comunidade.

Foi uma experiência muito rica e eu creio que algo ficou para os petianos. Não tenho certeza de que o graduando depois vai repetir aquilo em sala de aula, alguns são muito tímidos. Mas, eu posso afirmar que todos eles possuem uma abordagem da poesia e da literatura que foge um pouco da perspectiva pragmática do livro didático. Viveram a experiência de levar para a sala de aula poemas para serem lidos e apreciados sem necessariamente fazer aquele estudo de texto, sem se prender meramente a essas questões formais.

No PET, nós líamos muito poesia, crítica literária e textos sobre os poetas. Cada um escolhia o seu poema, uns dois ou três daquele escritor, e tinha que dizer por que gostou, o que chamou a atenção, se era uma questão temática ou musical. Havia um diálogo antes de sair do grupo para a comunidade. Internamente existia uma experiência de convivência com a poesia.

Sua pergunta vai me fazer pensar e voltar a conversar com alguns deles para saber o que estão fazendo. Uns foram para uma cidade e outros para outra, já faz mais de dez anos.

Pergunta 3: Ainda falando do livro *Poesia na Sala de Aula*, a obra revela o registro das experiências que o senhor teve ao longo de mais de trinta anos de docência no ensino básico, assim como no ensino superior. De fato, o trabalho com a poesia é indispensável na prática de um/uma docente na área da linguagem e pode ser integrada ao nosso cotidiano de modo que possibilite uma convivência mais sensível tanto conosco como com o outro. Levando isso em consideração, como o/a docente pode estimular o contato dos/as alunos/as com a poesia, para além da sala de aula? Pensando no contexto em que o/a estudante se insere e também considerando as demais artes contemporâneas que têm sido produzidas atualmente, é possível fazer um diálogo dessa poesia, seja ela clássica ou não, com as traduções contemporâneas da atualidade?

Eu creio que sim. Cada situação, cada turma, cada sala de aula é uma realidade, um contexto que precisa ser pensado. Por exemplo, eu vi, recentemente, dois *Slams*. Eu não conhecia e fiquei impressionado com o envolvimento dos jovens com aquele gênero, com aquela disputa, aquele trabalho na linguagem. Eu nunca tive oportunidade de trabalhar com esse gênero, mas eu creio que um professor jovem precisa estar atento a essas novidades e pensar sobre como é que ele pode potencializar isso em sala de aula. Às vezes até valorizar alunos que já têm uma experiência literária que não é a contemplada pelo livro didático, pela escola, e valorizar isso em sala de aula.

Eu creio que há uma possibilidade grande de dialogar. As artes dialogam muito entre si; a gente é que às vezes aborda de modo muito compartimentalizado, por exemplo: a canção e a poesia. Eu trabalhei muito com canção, embora eu não tenha registrado muito isso. Mas eu trabalhei com canções do Chico Buarque, Vinicius do Moraes, canções populares. Levar para a sala de aula a canção, ler o texto, depois cantar, depois pegar um poema que tem a mesma temática e ler também, comparar. O professor tem uma diversidade de possibilidades. Agora, se ele não tem repertório de leitura, não conseguirá fazer. Muitas vezes as pessoas não conseguem fazer porque não são bons leitores. Às vezes querem preparar aulinhas assim bem esquematizadas, colhe uma coisa daqui uma coisa dali, mas ele precisa ser leitor. Leia vários poemas e livros do mesmo poeta. Faça a sua antologia pessoal para aquele poeta. Leia outro autor com mais frequência. Leia os clássicos, leia os contemporâneos. A experiência de leitura exige um tempo, uma maturidade. Às vezes a gente quer ler poesia como se estivesse lendo notícia de jornal: terminou de ler, pegou a informação, resolveu. A leitura de poesia não é assim. *A cidade prevista*, de Drummond, é um poema com o qual convivo há mais de trinta anos, tem versos que eu sei de cor. Por que eu sei de cor? Porque eu volto, eu releio. Uma coisa muito importante nessa prática é leitura em voz alta, treinar, isso tem um efeito impressionante sobre a criança e sobre o jovem.

Pode haver um diálogo com a pintura, com a música, com a arquitetura, com qualquer outro tipo de arte. Para isso, eu tenho que ter um pouco de conhecimento dessas expressões artísticas. Eu acho que existe um medo de tirar um tempo maior na sala de aula para leitura, não só de poesia, às vezes do conto, da crônica, de outros gêneros literários.

Pergunta 4: O senhor trabalha com a formação de professores na área de Literatura e defende muito que o texto literário sempre venha primeiro que a crítica ou aporte teórico

na educação básica. Como essa concepção poderia ser aplicada nas aulas de literatura da graduação, em disciplinas como Teoria da Literatura, Crítica Literária e Estágio Supervisionado?

Essa é uma questão que aprendi muito nas reflexões do Antonio Candido que acredita que existem o lugar da teoria literária e o lugar da crítica literária. Eu acredito que, quando parto do texto, de sua leitura, antecedendo a crítica e a própria teoria, eu favoreço primeiro a experiência com o texto, a sua percepção. Durante muitos anos, eu trabalhei o contrário, por causa da minha formação, também. Por exemplo: eu vou estudar João Cabral de Melo Neto e entrego um texto do Alfredo Bosi para os alunos lerem. O que vai acontecer? Você vai repetir o que o texto disse sobre o João Cabral de Melo Neto. Você pode até ter tido uma percepção interessante, mas a sua experiência e a sua percepção vão ficar ali num cantinho ou vão se apagar diante da fala do crítico. É mais interessante trazer a sua voz primeiro. Depois, confrontar com o que foi dito pelo crítico. Isso ajudará a entender melhor o texto. O crítico pode ter deixado de fora algum aspecto importante que você percebeu com sua visão de mundo. Isso também precisa ser valorizado. Não é se sobrepor ao crítico nem também deixar que a teoria se sobreponha à sua experiência. Dei um exemplo da crítica, mas vamos pensar a teoria literária.

Imaginemos que você pegue um conceito teórico, se você está lendo um romance, podemos imaginar o conceito de espaço. De repente você estuda o conceito de espaço, de ambientação e vai aplicar. Mas se você não tiver lido o texto antes, não tiver percebido o valor do espaço naquele conto, naquele romance, você vai fazer meramente uma aplicação. É isso que eu acho empobrecedor. A crítica e a teoria precisam te ajudar a perceber as riquezas do texto, mas para você perceber as riquezas você precisa ter lido. É o que é que acontece hoje, sobretudo com a internet. Tem muitos alunos que não leem nada. Só buscam resumos, só buscam a apreciação crítica. Estão se enganando, de fato, porque não estão tendo uma experiência literária, uma experiência estética com o texto. Por isso, nos últimos dez a quinze anos, na minha prática na graduação, eu nunca começo indicando crítica, embora eu sempre indique. Ela é para depois.

Por exemplo, estou dando agora um curso de literatura infanto-juvenil. Ainda não li nada com os alunos sobre Literatura Infantojuvenil, nem teoria, nem historiografia. Estão lá indicados quatro ou cinco textos que depois vou querer que eles fiquem. Mas primeiro eles têm que ler Lobato, ler a Lygia Bojunga, ler alguns autores e depois vão dialogar com a crítica e fazer o contraponto. Essa prática é muito difícil. É mais fácil indicar já a crítica e fazer uma

prova com o aluno para ele aplicar aquela crítica ou teoria a um texto. Outra dificuldade é que o professor deve estar aberto para o ponto de vista do aluno e ser capaz de discuti-lo, porque pode ser que ele tenha mesmo uma percepção – como diz Umberto Eco – super interpretativa. Mas jamais vou colocar que ele está errado. Eu vou fazer perguntas para ele voltar e rever seu ponto de vista e, se ele voltar, se fizer a revisão, se ele rediscutir, terá um aprendizado muito melhor, do que se meramente aplicasse uma questão, uma teoria.

Essa metodologia se fundamenta na perspectiva da chamada teoria da recepção ou estética da recepção que valoriza muito o leitor: como o leitor recebe a obra, como ele significa, como é que ele dá sentido ao texto. Isso pensado a partir de um conceito interessante que é o horizonte de expectativa. Uma jovem que mora em Maceió tem experiências de mundo que certamente um jovem que está lá no Sertão não tem. Não são melhores nem piores, são diferentes.

Eu vou dar como exemplo um trabalho que acompanhei com um poema da Cecília Meireles com crianças. Uma turma de quarta série, de uma escola de periferia, ao ler o poema da Cecília Meireles *O menino azul* associou o poema à experiência de vida deles, cujos pais tinham carroças, tinham animais nos quintais, catavam papel na cidade etc. Essa ponte que eles fizeram com a vida deles, um menino da escola particular que não teve essa experiência não poderia fazer. Então o horizonte de expectativa, da sua experiência, faz com que, quando você lê, preencha os espaços do texto a partir dessa sua experiência. É uma espécie de casamento: uns preenchem de um jeito, outros de outro, uns num certo nível, outros noutro. Depende da idade, depende da experiência cultural, da experiência histórica. Quando eu dou vez à leitura, estou respeitando o seu horizonte de expectativa, favorecendo que você tenha uma experiência singular da obra que outra pessoa pode nunca ter tido.

Entrevistador/as:

Iago Espindula de Carvalho
Karolayne Dimonte
Mariana Cavalcante Oliveira

Retextualização:

Débora da Silva Moreira
Fabiana Pincho de Oliveira
Larissa Almeida Benjamim
Maria Clara de Lima Barros